

## DO CONHECIMENTO AO PRATO: CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA NO SUBPROJETO DE HISTÓRIA DO PIBID DA FURG

Camille Cortes Moraes<sup>1</sup>  
Carmem Gessilda Burgert Schiavon<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente resumo guarda relação com o relato da experiência de trabalho sobre a culinária da cultura afro-brasileira, em sala de aula, através da mediação do PIBID da FURG, Subprojeto de História (ano de 2025). Tal atividade ocorreu na E.M.E.F Altamir de Lacerda Nascimento, localizada no Bairro Bernadeth, Município do Rio Grande/RS, com as duas turmas de oitavo ano. Tradicionalmente, a Escola realiza a “Feira do Novembro Negro”, momento em que são apresentados vários trabalhos que os discentes realizaram durante o ano e que guardam relação com a temática. Contudo, cabe destacar que esta atividade não visa somente o cumprimento da Lei 10.639/2003, ela está direcionada ao trabalho com a comunidade escolar e, também, a promoção e o reconhecimento da história e da cultura, de modo a combater o racismo, promover a educação para as relações étnico-raciais, bem como a formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com uma educação mais justa e inclusiva. Com base nestes pressupostos, o grupo do Subprojeto de História do PIBID planejou contribuir com a realização da Feira e, na divisão dos conteúdos, as turmas do oitavo ano ficaram responsáveis pelo trabalho com a culinária no evento, tendo em vista os conteúdos do Segundo Reinado e a Lei Áurea, os quais estavam sendo trabalhados naquele momento. Em termos teóricos, o projeto buscou apoio em Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Kabengele Munanga; por outro lado, com relação à metodologia, destaca-se os pressupostos básicos da pesquisa de Thiollent. Tais premissas resultaram na pesquisa e elaboração de pratos, assim como na apresentação destes para os responsáveis pela Feira e à comunidade escolar, oportunizando uma aprendizagem de forma recreativa, através da degustação do que foi produzido previamente pelos alunos, aliando a historicidade com a teoria e a prática.

**Palavras-chave:** Culinária afro-brasileira; PIBID FURG; Lei 10.639/2003; Educação; Relações étnico-raciais.

### INTRODUÇÃO

A discussão acerca da inserção da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar tem ganhado muita centralidade no campo educacional, especialmente a partir da promulgação da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino dessa temática na educação básica. No entanto, para além do cumprimento legal, vem uma grande preocupação e torna-se fundamental pensar práticas pedagógicas que efetivamente promovam o reconhecimento dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade brasileira,

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, [camillecortessm@gmail.com](mailto:camillecortessm@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora orientadora: Doutora em História, Instituto de Ciências Humanas e da Informação - FURG, [cgbschiavon@yahoo.com.br](mailto:cgbschiavon@yahoo.com.br).



bem como o enfrentamento ao racismo e a valorização da diversidade cultural no ambiente escolar. No entendimento de que isso deve ser abordado nas escolas pois:

“O Brasil, um país que nasceu justamente do encontro de culturas e civilizações, não pode se ausentar desse debate. O melhor caminho, a meu ver, é aquele que acompanha a dinâmica da sociedade através das reivindicações de suas comunidades e não aquele que se refugia numa abordagem superada da mistura racial que, por dezenas de anos, congelou o debate sobre a diversidade cultural e racial no Brasil – vista apenas como uma monocultura e uma identidade mestiça.”  
(MUNANGA, 2015, p.22)

A reflexão proposta por Munanga evidencia a necessidade de superar visões homogêneas sobre a identidade brasileira, que por muito tempo silenciaram as diferenças e invisibilizaram as contribuições dos povos negros na constituição do país. Ao trazer essa crítica, o autor reforça que o espaço escolar deve acompanhar as transformações sociais e assumir um papel ativo na problematização dessas questões, promovendo debates que valorizem a pluralidade cultural e enfrentem as desigualdades historicamente construídas.

Nesse contexto, o presente artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)<sup>3</sup>, vinculado à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Subprojeto de História, no ano de 2025. A atividade foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Altamir de Lacerda Nascimento, localizada no bairro Bernadeth, no município do Rio Grande/RS, envolvendo duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental.

A proposta esteve articulada à tradicional Feira do Novembro Negro, evento promovido pela escola que busca socializar, junto à comunidade escolar, produções desenvolvidas pelos estudantes ao longo do ano, relacionadas à temática das relações étnico-raciais, envolvendo as disciplinas vinculadas a ciências humanas e linguagens. Mais do que um momento expositivo, a Feira configura-se como um espaço de diálogo, com apresentações de trabalho, encenações, músicas, valorização cultural e construção coletiva do conhecimento, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes, pois os ditos excluídos começam a reagir de forma diferente: lançam mão de estratégias coletivas e individuais. Articulam-se em rede. (GONÇALVES, 2012, p.102), com esse intuito Feira se transforma em um espaço de protagonismo discente e de valorização de saberes historicamente

<sup>3</sup> O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma política pública vinculada à formação de professores, promovida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tem como objetivo inserir estudantes de licenciatura no cotidiano das escolas públicas, proporcionando a articulação entre teoria e prática e contribuindo para a valorização e qualificação da formação docente.



marginalizados, no qual os alunos não apenas reproduzem conteúdos, mas se colocam como sujeitos ativos na construção e socialização do conhecimento. A partir dessa dinâmica, se abre a possibilidade de desenvolver práticas pedagógicas que dialoguem com essas perspectivas, trazendo os conteúdos curriculares com experiências significativas e coletivas.

A partir dessa perspectiva, o trabalho que foi desenvolvido com as turmas de oitavo ano dentro da disciplina de história teve como eixo a culinária afro-brasileira, pois entrava em conjunto com os conteúdos históricos que estavam sendo trabalhados em sala de aula, sendo esses o Segundo Reinado e o processo de abolição da escravização no Brasil. A escolha por essa abordagem partiu do entendimento entre pibidianos e a professora supervisora de que a alimentação, enquanto prática cultural, constitui-se como uma importante forma de expressão histórica e identitária, afinal:

“A sociedade brasileira sempre foi multicultural, desde os 1500, data que se convencionou indicar como de início da organização social e política em que vivemos. Esteve sempre formada por grupos étnico-raciais distintos, com cultura, língua e organização social peculiares, como é o caso dos povos indígenas que por aqui viviam quando da chegada dos portugueses e de outros povos vindos da Europa.” (SILVA, 2007, p. 493)

Sendo assim, a culinária, portanto, aparece como um elemento privilegiado dessa construção, por carregar marcas dessas influências e permitir a problematização de processos históricos de forma mais concreta e próxima da realidade dos estudantes, possibilitando conexões entre o cotidiano dos alunos e os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Dialogando com os pressupostos que devemos considerar que a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é necessário produzir conhecimentos (THIOLENT, 2011, p.28), os estudantes estando presentes de forma ativa dentro desse processo, desde a pesquisa até a parte de conclusão que resultou na elaboração de pratos que fazem parte da cultura afro-brasileira com a apresentação feita pelos alunos a partir do que pesquisarem e degustação na Feira.

## **METODOLOGIA**

A presente proposta foi orientada pelos pressupostos da pesquisa-ação, conforme o autor expõe em seu texto que:

“Como estratégia de pesquisa, a pesquisa-ação pode ser vista como modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada.” (THIOLENT, 2011, p. 32)



Sendo assim, entendendo o processo educativo como um espaço de construção coletiva do conhecimento, no qual professores em formação e alunos atuam de maneira participativa e reflexiva. Nesse sentido, a metodologia adotada buscou articular a teoria e prática, considerando o contexto escolar, os conteúdos trabalhados e a realidade dos estudantes envolvidos. Também do ponto de vista sociológico, a proposta de pesquisa-ação dá ênfase à análise das diferentes formas de ação. (THIOLLENT, 2011, p.15)

A atividade se deu início com a parte expositiva do conteúdo, falando sobre a escravização no Brasil e qual era a realidade dos povos que vieram do continente africano, levando em consideração que em dado momento:

“Chegou-se até a negar que o continente africano tinha uma história antes das invasões coloniais. Evidentemente, o tráfico negreiro e em consequência a escravidão e depois a ocupação colonial foram acontecimentos de grande envergadura que mudaram a história original da África, mas isto não quer dizer que essa história não existiu antes ou começou a existir apenas a partir do tráfico ou a partir da Conferência de Berlim.” (MUNANGA, 2015, p. 25)

A partir dessa reflexão, torna-se fundamental compreender que os povos africanos possuem trajetórias históricas próprias, marcadas por diferentes organizações sociais, culturais e políticas que foram, por muito tempo, invisibilizadas por narrativas eurocêntricas. Ao trazer essa perspectiva para a sala de aula, busca-se romper com a ideia de que a história da África se resume à escravização, ampliando o olhar dos alunos para reconhecer a riqueza e a complexidade dessas sociedades, bem como suas contribuições para a formação da sociedade brasileira, e que a cultura afro-brasileira, não se resume apenas a religião.

A partir disso, foi realizado o planejamento da atividade em conjunto com o grupo do PIBID, buscando construir uma proposta que dialogasse com a temática da Feira do Novembro Negro e que possibilitasse uma participação ativa dos alunos, desde a parte da pesquisa até o momento do evento. Optou-se, então, pelo trabalho com a culinária afro-brasileira como eixo articulador, entendendo-a como uma expressão cultural que permite aproximar os conteúdos históricos do cotidiano dos estudantes.

Com a decisão acertada entre os colegas, após a exposição do conteúdo, houve um momento de diálogo com as turmas, onde foram apresentados alguns vídeos<sup>4</sup> na plataforma

<sup>4</sup> Vídeos utilizados em sala de aula para o primeiro diálogo com os alunos sobre a culinária afro-brasileira: Espaço do Saber. **Culinária Afro-brasileira**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=54DSlQgsQoI> Último acesso em: 27 mar de 2026. Me conta que eu te conto: Educação Ativa. **Influências na Culinária Afro-**



*youtube* para que os alunos conhecessem alguns pratos como pertencentes da cultura afro-brasileira. Receitas que já faziam parte da realidade e do dia a dia dos alunos ali inseridos, porém não era associado a esse contexto.

Nas aulas seguintes, os alunos foram organizados em duplas e orientados a realizar pesquisas sobre pratos da culinária afro-brasileira, considerando seus aspectos históricos, culturais e sociais. Essa etapa teve como objetivo incentivar a autonomia dos estudantes na busca por informações, pois, numa pesquisa sempre é preciso pensar, isto é, buscar ou comparar informações, articular conceitos, avaliar ou discutir resultados, elaborar generalizações etc. (THIOLLENT, 2011, p. 34) bem como, na situação, ampliar sua compreensão sobre as contribuições da população negra na formação da cultura brasileira. A atividade foi realizada na sala de informática da escola e durante esse processo, foram realizadas mediações em sala de aula, com o intuito de problematizar as informações encontradas e relacioná-las aos conteúdos históricos em estudo.

Na próxima etapa, os alunos ficaram responsáveis pela escolha e a preparação dos pratos pesquisados, que seriam apresentados na Feira do Novembro Negro. Essa fase contou com o envolvimento das famílias e da comunidade, fortalecendo a relação com a escola. Junto da apresentação do prato, deveriam elaborar um cartaz com as informações encontradas a partir da pesquisa, com materiais como cartolina, canetas, impressão de imagens fornecidas pela escola.

No dia do evento, os estudantes participaram da organização do espaço, da apresentação dos alimentos e da interação com o público, explicando a origem e o significado cultural dos pratos. A manhã de sábado do evento foi finalizada com a degustação dos pratos elaborados, com o auxílio dos pibidianos envolvidos na atividade. Levando em consideração o que o autor Thiollent coloca com os “auditórios”, pois:

“Entre os possíveis efeitos que a pesquisa-ação pode exercer sobre o “auditório” acadêmico há todo um leque de atitudes possíveis: reforçar o desprezo, abrir a discussão, iniciar revisões nos padrões metodológicos etc. No processo argumentativo, ao levarem em consideração a presença de um ou outro dos vários “auditórios”, os interlocutores não estão necessariamente procurando efeitos visando a sua satisfação própria.” (THIOLLENT, 2011, p. 39)



Então ao longo de todo o processo, foram realizadas observações, registros e reflexões sobre a participação dos alunos, o desenvolvimento das atividades e os resultados alcançados. Dessa forma, a metodologia adotada permitiu não apenas a construção de conhecimentos históricos, mas também o desenvolvimento de habilidades como trabalho em grupo, autonomia, protagonismo e valorização da diversidade cultural, evidenciando as potencialidades da pesquisa-ação no contexto da formação docente e da prática pedagógica.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão acerca da inserção da história e da cultura afro-brasileira no contexto escolar está diretamente relacionada às transformações ocorridas nas últimas décadas no campo educacional brasileiro, especialmente a partir da promulgação da Lei 10.639/2003. Representando um marco ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica, mostrando a necessidade de revisão de práticas pedagógicas historicamente marcadas por silenciamentos e invisibilização das contribuições da população negra na formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, autores como Nilma Lino Gomes destaca:

“Numa perspectiva de descolonização dos currículos e na compreensão das rupturas epistemológicas e culturais trazidas pela questão racial na educação brasileira, concordo com o fato de que esse olhar é um alerta importante. A compreensão das formas por meio das quais a cultura negra, as questões de gênero, a juventude, as lutas dos movimentos sociais e dos grupos populares são marginalizadas, tratadas de maneira desconectada com a vida social mais ampla e até mesmo discriminadas no cotidiano da escola e nos currículos pode ser considerado um avanço e uma ruptura epistemológica no campo educacional.” (GOMES, 2012, p.104)

Isso mostra a importância de uma educação comprometida com as relações étnico-raciais, que vá além da inclusão pontual de conteúdos e promova, de fato, a valorização das identidades e culturas negras no espaço escolar. Para a autora, é fundamental que a escola se constitua como um espaço de reconhecimento das diferenças, contribuindo para o enfrentamento do racismo e para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva.

Dentro da mesma temática, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva também enfatiza que o trabalho com a temática afro-brasileira deve estar articulado a práticas pedagógicas que promovam o respeito à diversidade e o reconhecimento das heranças culturais africanas presentes no cotidiano brasileiro. A autora menciona que:



“O ocultamento da diversidade no Brasil vem reproduzindo, tem cultivado, entre índios, negros, empobrecidos, o sentimento de não pertencer à sociedade. Visão distorcida das relações étnico-raciais vem fomentando a idéia, de que vivemos harmoniosamente integrados, numa sociedade que não vê as diferenças.” (SILVA, 2007, p.498).

Nesse contexto, o ambiente escolar assume um papel fundamental ao promover práticas que valorizem a diversidade e evidenciem as múltiplas contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros na formação da sociedade. Assim, trabalhar essa temática de forma crítica e contextualizada contribui para o fortalecimento da identidade dos estudantes, especialmente daqueles que historicamente foram marginalizados.

Kabengele Munanga contribui para esse debate ao problematizar as formas como o racismo estrutural se manifesta na sociedade pois a abolição da escravatura no Brasil e em outros países das chamadas Américas, foi primeiramente um ato jurídico pelo qual os próprios escravizados, com a solidariedade dos abolicionistas lutaram em defesa de sua liberdade e dignidade humanas (MUNANGA, 2015, p. 28) e, conseqüentemente, isso reflete na Lei 10.639/2003. Afinal, para o autor, a educação tem um papel fundamental na desconstrução de estereótipos e preconceitos, sendo necessário desenvolver práticas que evidenciam a contribuição histórica e cultural da população negra, ao mesmo tempo em que promovam o reconhecimento e a valorização de suas identidades.

Além disso, ao considerar a prática pedagógica como um processo dinâmico e contextualizado, dialogando com a perspectiva da pesquisa-ação, que junto dos outros autores, é prevista a sua função política que é intimamente relacionada com o tipo de ação proposta e os atores considerados. A investigação está valorativamente inserida numa política de transformação. (THIOLLENT, 2011, p. 51)

Compreendendo o processo educativo como uma construção coletiva, na qual teoria e prática se articulam de maneira contínua, por meio dos procedimentos participativos, agregando o maior número possível de seus membros na elucidação dos problemas e das propostas de ação. (THIOLLENT, 2011, p.52), assim permitindo que professores e alunos participem ativamente da produção do conhecimento. Favorecendo a reflexão crítica sobre a prática docente, ao mesmo tempo em que possibilita intervenções pedagógicas mais significativas e contextualizadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



Após a conclusão da atividade, foi possível observar um envolvimento significativo dos alunos ao longo de todo o processo, desde a parte de pesquisa até o dia da participação na Feira. O trabalho com a culinária afro-brasileira despertou o interesse das turmas, especialmente por se tratar de uma proposta que dialogava com elementos do cotidiano e possibilitava uma aprendizagem que ultrapassava o formato tradicional das aulas expositivas, afinal com a pesquisa-ação pretende-se alcançar realizações, ações efetivas, transformações ou mudanças no campo social. (THIOLLENT, 2011, p.49)

Durante esse momento, os alunos demonstraram curiosidade em compreender a origem dos pratos, bem como suas relações com a história da população negra no Brasil. Nesse momento, foi possível perceber avanços na compreensão dos conteúdos históricos trabalhados, sobretudo no que se refere ao período do Segundo Reinado e ao processo de abolição da escravatura. A articulação entre o conteúdo teórico e a prática contribuiu para que os estudantes estabelecessem conexões mais concretas entre os temas abordados em sala de aula e as manifestações culturais presentes no dia a dia.

Na etapa de preparação dos cartazes e apresentação dos pratos, destacou-se o protagonismo dos alunos, que se organizaram em duplas, dividiram tarefas e se envolveram ativamente na construção da atividade mostrando que o ensinar história passa a ser, então, dar condições para que o aluno possa participar do processo do fazer, do construir a História (SCHMIDT, 2004, p.57). A participação das famílias nesse processo também se mostrou relevante, fortalecendo os vínculos entre escola e comunidade e ampliando o alcance da proposta pedagógica.

A interação com o público durante o evento evidenciou a apropriação dos conteúdos pelos alunos, que demonstraram segurança ao compartilhar os conhecimentos construídos ao longo da atividade. Além disso, foi possível observar que a proposta contribuiu para a valorização da cultura afro-brasileira, ao possibilitar que os estudantes e as famílias reconhecessem a importância histórica e cultural desses saberes, muitas vezes marginalizados no currículo escolar.

Ao final das apresentações dos pratos, houve um momento para degustação, que acabou aumentando o número de pessoas em volta do espaço e os alunos auxiliaram na mediação. Essas situações vivenciadas durante a atividade, como a organização coletiva e o auxílio mútuo em momentos de maior demanda, evidenciaram a construção de relações mais



solidárias entre os alunos, bem como o fortalecimento do vínculo entre estes e os professores em formação.

Os resultados a partir dessa atividade levam e apontam para a importância de práticas pedagógicas que considerem a diversidade cultural como elemento central no processo de ensino-aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dessa experiência desenvolvida no âmbito do PIBID, foi possível visualizar a potência de práticas pedagógicas que articulam teoria e prática, especialmente quando estas estão vinculadas a temáticas socialmente relevantes para a comunidade presente, como a valorização da cultura afro-brasileira e a educação para as relações étnico-raciais. O trabalho envolvendo a culinária, nesse sentido, mostrou-se um caminho significativo para aproximar os conteúdos históricos do cotidiano dos alunos, promovendo maior engajamento e participação nas atividades. Além disso, a participação na Feira do Novembro Negro ampliou o alcance da atividade, transformando o espaço escolar em um ambiente de troca, reconhecimento e valorização cultural.

Outro aspecto relevante diz respeito à formação docente. A experiência proporcionada pelo PIBID permitiu refletir sobre os desafios e as potencialidades da prática pedagógica, evidenciando a importância de uma atuação sensível, planejada e comprometida com a realidade dos alunos. Nesse sentido, a vivência contribuiu para a construção de uma compreensão mais ampla sobre o papel do professor, que vai além da transmissão de conteúdos, envolvendo também a mediação de processos formativos e a promoção de uma educação mais inclusiva.

É possível concluir que iniciativas como a apresentada neste trabalho são fundamentais para a consolidação de uma prática educativa que dialogue com a diversidade e promova a equidade no espaço escolar. A valorização da cultura afro-brasileira, quando trabalhada de forma contextualizada e significativa, se transforma em algo muito maior que apenas o cumprimento da legislação, mas contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de reconhecer e respeitar as diferentes manifestações culturais presentes na sociedade.

## **AGRADECIMENTOS**



Primeiramente gostaria de agradecer às minhas orientadoras da graduação Carmem Schiavon e Julia Matos por estarem sempre apoiando eu e meus colegas, nos incentivando a escrever cada vez mais, participar de eventos, pensando sempre no quanto isso vai ajudar e enriquecer a nossa formação enquanto docentes e acadêmicos da área.

Agradeço a Escola Altamir de Lacerda, funcionários e equipe diretiva por receberem o PIBID de história da FURG com tanto carinho. Agradeço à professora Janete, por sempre fomentar nossa participação nas aulas e ser uma supervisora tão humana e profissional no seu exercer da profissão. Afinal, foi essa a escola que me acolheu enquanto pibidiana desde o primeiro ano da graduação, onde acompanharam toda a minha trajetória e sempre acreditaram em mim e em todos os colegas do PIBID.

Agradeço também a minha dupla do PIBID, Edison, meu companheiro na vida e em todas as atividades dentro da universidade, que sempre me incentiva a continuar e sempre é abrigo e calma quando tudo parece impossível. Aos meus queridos amigos (e também pibidianos) Felipe, Eduarda Luz, Eduarda Porciúncula e Écheley, essa caminhada na universidade se torna possível e muito mais leve do lado de vocês.

Por fim, agradeço a CAPES por acreditar na potência do PIBID, proporcionando editais e bolsas, permitindo que esse relato de experiência fosse possível, assim como tantos outros que ouvi e vivenciei desde o início da graduação, que me encantam e fazem a gente acreditar no nosso trabalho.

## REFERÊNCIAS

GOMES, NILMA LINO. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012, p.98-109.

MUNANGA, KABENGELE. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015. Disponível em: [https://revistas.usp.br/rieb/pt\\_BR/article/view/107184/105723](https://revistas.usp.br/rieb/pt_BR/article/view/107184/105723) Último acesso em: 24 de mar 2026.

SILVA, PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E. **Aprender, ensinar e relações Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil**. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano de sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe. **O Saber histórico em sala de aula**. 9 ed. São Paulo, Contexto, 2004. pp. 54-66.

THIOLLENT, MICHEL, **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

